O GLOBO - 19/09/76

Escritores de passagem

ÁLVARO MENDES

Voz um pouco abafada, ligeiramente ansiosa, movimentos quaseretraídos. "O Rio de Janeiro é uma cidade quente", ia dizendo, enquanto com os olhos escrutava o interlocutor; "numa cidade assim não há quem possa escrever. "A expressão fugiu-lhe meio rápida, meio lugar-comum: uma cidade feminina. O carro (cor de fogo?) parado em frente, na Rua Castilho em Lisboa. Chegou ao encontro meia hora atrasado, "desculpe, eu me enganei de hotel". Às seis de uma tarde em setembro, rodava um copo de vidro entre os dedos.

Verão 75, Lisboa. "Hoje, com tanta vida, ninguém faz literatura, jornalismo sim". Cardoso Pires autografa dois exemplares de "A cartilha do marialva", fala de um fim de semana em casa de amigos, numa praia ao sul de Lisboa, ou Setúbal — o nome esqueci. O resto, lembrança rápida: dificuldade de encontrá-lo no jornal ("acabou de sair", dizia sempre o seu amigo Assis Pacheco, abanando os braços), numa rua estreita da Alta. Lembrança mais permanente: a própria obra.

José Cardoso Pires, que há pouco esteve entre nós na companhia de outros escritores portugueses — Augusto Abelaira, Bernardo Santareno, Melo e Castro — já é relativamente conhecido no Brasil, através do romance "O delfim" e de "A cartilha do marialva" (menos).

Dizem alguns que a cartilha é panfleto, possível concordar desde que não se dê à palavra panfleto o sentido de querer diminuir. A literatura portuguesa, fértil em prosa moralística, é uma literatura rica de panfletos. Assim podem ser chamadas algumas das melhores páginas de Dom Francisco Manuel, Vieira, Pessoa, Eça, Camilo, enumeração casual e não caótica — suponho. O fino livro de Cardoso Pires toma honradamente lugar entre os escritos dessa gente ilustre e — salvo Dom Francisco Manuel, que até quando escrevia panfleto estava atento à frase controlada — em alguns momentos destaca-se deles. Pensando bem, pode-se dizer que a cartilha é um ensaio de combate (toda a grande literatura, em certos períodos históricos, é ensaística, panfletária, combativa), talvez o único gênero digno de perdão em nosso tempo, quando o escritor, o poeta, deve rodar entre os dedos cada palavra como um homem mediria o chumbo se fosse atravessar uma floresta povoada de onças, em noite sem lua. De seda e chumbo são as palavras, quero dizer, é necessário ser preciso e flexível: civilizado.

Cardoso Pires é um escritor assim. Seu livro (a cartilha) trata agilmente do machismo português, mas como deve ser: um sintoma. Na verdade, ele não o considera abstratamente, pluma tombada dos espaços, dom da neve — mas distorção de comportamento enraizada numa economia que deixou de servir a seus verdadeiros fins, numa filosofia política de alicerce duvidoso. As relações de produção, a divisão do trabalho, essas coisas. É necessário não esquecer que a cartilha foi escrita no tempo em que os animais falavam, para usar uma expressão do fabulário. Isto é: há muitos anos.

Cardoso Pires tem peças de teatro, contos, romances — alguns apontando para realidades concebidas de maneira menos estrita, mas por favor, ninguém fale em realismo fantástico, expressão infeliz como poucas: seria melhor dizer que há certas fantasias excessivamente reais.

Confesso que a cartilha (são palavras de saudações) sempre exerceu sobre mim um fascínio grande: é uma prodigiosa demonstração de controle verbal a serviço de uma idéia ou constelação de idéias que ressalta em relevo forte com a nitidez da reta em paisagem tumultuada. Ignoro, em língua portuguesa de Portugal (hoje) outro exemplo de estilo obedecendo tão vigorosamente ao compasso do construtor. Se fizesse artes plásticas, é provável, Cardoso Pires iria para desenho ou gravura, tal o seu amor do traço, do claro, do nítido (traçado, clareza, nitidez que não ignoram a existência do sombreado interior, do sombrio exterior). Em geral, a sociedade consumística deseja que os artistas que ela pensa que são seus, sejam objetos de adorno, aljôfars, contas-pérolas de um colar: que o poeta seja comovente e o romancista conte muitos contos de amor, e que o pintor pinte bonitas vagas coloridas para enfeitar o living, nada como o impressionismo, e que todos sejam românticos, belos e malditos.

Por isso Cardoso Pires é fascinante: ele sabe que o papel do artista não é ser inspirado, mas capaz de refletir sobre os problemas concretos da sociedade, apontar a fenda na muralha. Se for preciso, contando casos de amor, mas dizendo o que lhe parece ruim, em livros de proveito e exemplo. Em parábola se preciso, através do conceito se necessário: as linguagens, nenhum fetichismo: elas devem ser usadas conforme o meio e as ocasiões. Ele sabe muito bem que o escritor quanto mais racional melhor, quanto mais capaz de usar também o conceito, melhor. Ele não é, com certeza, um artista manipulável, nunca será um aljôfar, uma pérola enfeitando colares. Não se limita a fazer arte, sabe dizer por quê e para quê. De outro modo — para que escrever? Cardoso sabe que os problemas sociais básicos são simples e poucos. Mas para chegar a ver simples é preciso atravessar uma camada de lentes espessas. É a isto talvez que se chama um escritor civilizado. Assim é Cardoso Pires. Moralista? A palavra fica em suspenso.

Moralista, é possível: a literatura portuguesa nunca foi propriamente uma literatura forte em filosofia, não porque os portugueses não sejam dados a filosofar, como outrora se afirmava tola-mente, e sim porque as vicissitudes históricas de Portugal não favoreceram o desenvolvimento daquele gênero literário: Homens de pensamento sempre houve. Sanches, Verney, Herculano, Antero, Pessoa.

Mas o aparecimento de Antonio Sérgio, com a república, iria ter conseqüências grandes. O autor dos "Ensaio" deu uma contribuição decisiva para que o gênero mais fascinante de todos passasse a ser cultivado em Portugal com uma tenacidade e competência notáveis. Claro que houve outras causas para isso.

Uns foram discípulos diretos de Sérgio — embora tenham, mais tarde, desistido do mestre. Outros menos direto — mas discípulos todavia. Não há hoje em Portugal ensaísta digno desse nome que não se tenha beneficiado da pedagogia sergiana — concordando, discordando, hesitando. Magalhães Godinho, Joel Serrão, Antonio José Saraiva, Oscar Lopes, quantos outros. Também pertencem a essa fase de florescimento ensaístico dois outros escritores portugueses que acabam de estar entre nós: José Augusto Seabra e Eduardo Lourenço. O primeiro, estudioso de Pessoa à luz de Ronald Barthes. É um escritor novo que enfileira na corrente dos analistas sérios do grande poeta, dos que estão contribuindo para que o autor da "Ode marítima" adquira logo a projeção internacional a que sua obra tem direito. O outro é Eduardo Lourenço, com uma bagagem literária (nasceu em 1923): "Heterodoxia", "O desespero em mediação", "Sentido e forma da poesia neo-realista" e "Pessoa revisitando". A leitura de Lourenço é trabalhosa, problematizadora. Aqui, deseja-se apenas chamar a atenção para esses dois ensaístas portugueses que merecem o estudo de quantos brasileiros se interessam pelos problemas da cultura. "A minha pátria é a língua portuguesa", disse um dia Fernando Pessoa. Nem todos compreenderam ainda como os poetas sabem ser maliciosos — quando podem. Não é à-toa que existe a geografia.